

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO
BÁSICA

JÉSSYCA MAIRA SILVA

PRODUTO EDUCACIONAL: A EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE

BAURU

2025

RESUMO

O produto educacional intitulado “A educação contra a barbárie”, tem como cerne a discussão quanto o papel da educação na formação de sujeitos críticos capazes de reconhecer e resistir a práticas de violência, segregação e exclusão social. A reflexão fundamenta-se nas ideias de Theodor W. Adorno, especialmente em seu ensaio Educação após Auschwitz, no qual o autor defende que a principal tarefa da educação é impedir a repetição de atrocidades históricas. A partir dessa perspectiva, o estudo mobiliza os conceitos de memória e identidade desenvolvidos por Jacques Le Goff e Maurice Halbwachs, compreendendo a memória coletiva como elemento fundamental na construção da identidade individual e social e como instrumento que pode ser utilizado tanto para a dominação quanto para a emancipação. Nesse contexto, a pesquisa analisa a história do Asilo-Colônia Aimorés, atual Instituto Lauro de Souza Lima, em Bauru, instituição criada no início do século XX para o isolamento compulsório de pessoas diagnosticadas com hanseníase. O estudo evidencia como o estigma associado à doença e as políticas sanitárias da época contribuíram para processos de exclusão, segregação e ruptura de vínculos familiares, ao mesmo tempo em que permitiram a formação de uma comunidade marcada por laços de sociabilidade e memória compartilhada. Com base nessas reflexões, foi elaborada uma sequência didática destinada a estudantes do 9º ano de uma escola pública de Bauru. As atividades incluíram cinefóruns, análise de materiais históricos e uma aula de campo no Instituto Lauro de Souza Lima. Os estudantes também registraram suas percepções por meio de fotografias e relatos escritos, posteriormente utilizados na organização de uma exposição na escola. Os resultados evidenciaram o desenvolvimento de empatia, consciência histórica e reflexão crítica sobre preconceito e exclusão social, demonstrando o potencial transformador de práticas educativas que articulam história local, memória e experiências pedagógicas fora da sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de História. Memória coletiva. Identidade. Educação histórica. Aula de Campo.

PRODUTO EDUCACIONAL: A EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE

No decorrer da dissertação, evidenciamos a necessidade de uma leitura crítica das imagens e dos discursos oficiais como estratégia para prevenir a repetição de injustiças sociais. Nesse sentido, este capítulo discute o papel da educação na formação de sujeitos capazes de reconhecer, questionar e resistir a práticas de violência e segregação – manifestações de barbárie documentadas ao longo deste estudo. Para tanto, a discussão será iniciada a partir da perspectiva de Adorno, conforme formulada em *Educação após Auschwitz*, bem como dos conceitos de identidade e memória, segundo Le Goff, compreendidos como instrumentos fundamentais para a emancipação. Tais reflexões serão mobilizadas de modo a adequá-las ao contexto e aos objetivos desta pesquisa.

Em seu célebre ensaio *Educação após Auschwitz*, resultante da palestra homônima proferida em 1965, Theodor W. Adorno (1974) enfatiza, de modo categórico, o papel da educação como meio fundamental para impedir que Auschwitz se repita. Para o filósofo e sociólogo, a humanidade ainda não tomou plena consciência da dimensão monstruosa dos crimes perpetrados pelos regimes totalitários, o que mantém latente a possibilidade de novas irrupções de barbárie.

O risco de reincidência decorre, segundo Adorno, da persistente inconsciência moral que se manifesta nas relações humanas. Tal quadro se agrava quando se observa que os debates acerca dos parâmetros educacionais permanecem, em grande medida, indiferentes e incapazes de se opor efetivamente à lógica da brutalidade.

A invisibilidade desse perigo decorre, em parte, da crença de que Auschwitz representou o ápice da barbárie e de que, por essa razão, sua repetição estaria definitivamente impedida. Concomitantemente, ignora-se que as mesmas estruturas que viabilizaram a ocorrência do Holocausto continuam a manifestar-se, sob formas análogas, na contemporaneidade – em certos contextos, com uma veemência ainda mais visceral do que aquela observada nas décadas de 1930 e 1940. Conforme Adorno:

A consciência de que o retorno de Auschwitz há de ser impedido é ofuscada pelo fato de que devemos conscientizarmos desse desespero se não quisermos cair no palavrório idealista. Contudo, deve-se atentar para o fato de que, mesmo em vista disso, a estrutura básica da sociedade e as características inerentes que a isso a induziram são hoje as mesmas de vinte

e cinco anos atrás. Milhões de homens inocentes – especificar ou regatear os números é decididamente indigno do homem – foram sistematicamente assassinados. Isso não deve ser tratado por nenhum ser humano como fenômeno superficial, como aberração do curso da História, que não interessa em vista da grande tendência do futuro, do esclarecimento de uma humanidade supostamente evoluída (Adorno, 1974, p. 2).

Adorno recorre a um episódio anterior ao Holocausto, o Genocídio Armênio (1915-1923), do qual os alemães, inclusive, possuíam ciência, como forma de elucidar que o extermínio massivo provocado pelos nazistas não foi um evento isolado. Sessenta anos após a palestra de Adorno, assistimos, sem grande alarde e sem repercussão nas mídias oficiais ou nos sistemas de ensino, ao crescimento vertiginoso do fundamentalismo, de movimentos e partidos de extrema direita e de discursos explícitos carregados de ódio direcionados a grupos minoritários, como populações étnicas em desvantagem política e econômica e imigrantes.

O antigo receio de expressar mensagens supremacistas deu lugar a um despudor alarmante, visível, por exemplo, na negação pública do Holocausto e na incredulidade em relação aos crimes cometidos durante os regimes militares americanos na segunda metade do século XX. A apologia a ditadores e a agentes de órgãos de censura e repressão, frequentemente promovida por lideranças políticas na grande mídia, aproxima-nos de maneira inquietante de Auschwitz.

À medida que nos aproximamos, outros grupos vivenciam Auschwitz. O ataque massivo contra civis palestinos em Gaza, que divide a opinião pública, com uma parcela expressiva da população mundial apoiando políticas de extermínio e medidas de promoção de limpeza étnica, leva-nos a refletir se Auschwitz não continuaria a operar, mesmo que, durante o Holocausto, sua existência fosse amplamente conhecida.

Para que tais políticas não se repliquem, é necessário que identifiquemos e compreendamos os mecanismos que viabilizam tais atos e, acima de tudo, promovamos uma conscientização geral no que tange a esses mecanismos. Conforme Adorno, “devemos trabalhar contra essa inconsciência, devem os homens ser dissuadidos de, carentes de reflexão sobre si mesmos, atacarem os outros. A educação só teria pleno sentido como educação para a autorreflexão crítica” (Adorno, 1974, p. 3).

Adorno argumenta que a inconsciência humana é, em grande medida, produto da estrutura opressora – ou “claustrofóbica” – que caracteriza a sociedade contemporânea. Os indivíduos encontram-se aprisionados em um sistema que os limita, ainda que nem sempre consigam perceber plenamente as amarras que os restringem. Quanto mais tentam escapar dessas estruturas, mais frustrados e revoltados se tornam, o que resulta em uma raiva irracional dirigida à própria civilização.

Além disso, o filósofo destaca que essas forças de dominação recaem, com maior intensidade, sobre os grupos socialmente mais vulneráveis, especialmente aqueles percebidos como mais “felizes”. Na busca pela conformidade, a sociedade promove a destruição da individualidade e, conseqüentemente, o enfraquecimento da capacidade de resistência. Ao perderem tanto sua identidade quanto seu potencial crítico, os indivíduos tornam-se suscetíveis à repetição de atos de violência ou crueldade quando ordenados por autoridades, mesmo sem necessariamente acreditar nas ideologias que os legitimam.

Para Adorno, “a volta ou não do fascismo decididamente não é uma questão psicológica, mas sim uma questão social”. Além da destruição da capacidade de perceber a realidade, outro importante mecanismo de controle e coerção manifesta-se na formação de uma supremacia coletiva e nos processos de coletivização. Ao aderirmos a um pensamento dominante, tornamo-nos insensíveis e passamos a desumanizar, ou “coisificar”, aqueles que não se enquadram no modelo imposto pelo coletivo.

A “consciência coisificada” converte-se em uma frieza profunda, impelindo qualquer ação de solidariedade entre os indivíduos. Portanto, uma educação capaz de evitar a repetição de Auschwitz centra-se no esclarecimento dos fatores que levaram ao horror, bem como nas condições que produzem essa frieza, buscando mitigá-la individualmente.

Nesse sentido, o âmbito escolar – especialmente durante as aulas dos componentes curriculares das ciências humanas – configura-se como um espaço privilegiado para o desenvolvimento do debate crítico, mediante a possibilidade de análise sistemática de fenômenos históricos cujas reverberações se evidenciam na contemporaneidade. Tais componentes funcionam como catalisadores de

transformações sociais e possuem uma relação intrínseca com os campos da identidade e da memória, compreendidos, conforme Le Goff, como instrumentos e objetos de poder que devem ser mobilizados em favor da emancipação.

Le Goff considera a História como a forma científica da memória. Para o autor, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades, na febre e na angústia” (Le Goff, 2013, p. 435). Essa inferência evidencia duas informações de extrema relevância: a relação simbiótica entre identidade e memória e a busca pela memória diante de crises atuais.

Embora Le Goff aprofunde a discussão acerca da relação entre memória e identidade, Maurice Halbwachs já havia estabelecido, previamente, os fundamentos dessa vinculação. Em *A Memória Coletiva*, o autor argumenta que aquilo que concebemos como nossa personalidade, incluindo nossa própria visão de mundo, encontra-se enraizado no coletivo. A memória coletiva, entendida como o conjunto de conhecimentos, referências e juízos compartilhados por um grupo, possui a capacidade de moldar-se e transpor-se para a esfera individual, constituindo um elemento estruturante da subjetividade. Para o sociólogo:

Ela [a memória individual] não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio (Halbwachs, 1990, p.36).

Tal asserção é retomada e aprofundada por Le Goff ao afirmar que “o individual se enraíza no social e no coletivo”. Além disso, o autor destaca outro aspecto indispensável para a compreensão plena do conceito de memória: os chamados “lugares de memória”, definidos por ele como “verdadeiros lugares de memória”, isto é, espaços nos quais a memória social se solidifica:

Se devem procurar não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória (Le Goff, 2013, p. 433).

Tais conceitos – o de memória coletiva e o de lugar de memória – tornam-se evidentes à medida que analisamos os laços, a percepção de lar e de comunidade formados no Asilo-Colônia Aimorés, hoje Instituto Lauro de Souza Lima.

Os pacientes que estiveram na colônia possuíam uma profunda conexão com o local: os menos abastados participaram da construção dos prédios e desempenhavam funções atribuídas de acordo com o seu perfil. Crianças hansenianas órfãs foram acolhidas, por vezes, por famílias desconhecidas e educadas junto às demais crianças que viviam na colônia. Os pacientes construíram vínculos e famílias, tanto com os demais internos quanto com os funcionários que atuavam no espaço. Alguns faleceram e permanecem sepultados no cemitério da instituição, o Cemitério Aimorés.

A colônia chegou a abrigar mais de mil pacientes quando o Departamento de Profilaxia da Lepra determinou o isolamento compulsório daqueles diagnosticados com hanseníase. Em 1946, foi anunciada a cura da doença por meio das sulfonas, cujos experimentos haviam sido conduzidos pelo Dr. Lauro de Souza Lima. A partir desse momento, o Asilo-Colônia adquiriu o status de sanatório. Todavia, o fim do isolamento obrigatório só ocorreu em 1969, quando o sanatório passou a ser denominado hospital.

Quanto à comunidade, tratava-se de um espaço ocluso e voltado à autossustentação, mas que buscava reproduzir os padrões sociais da época, o que se evidencia pela presença de prefeitura, delegacia, presídio, escolas, igreja, cinema, além de espaços de sociabilidade e de produção artística e cultural, como a praça e o coreto, onde se apresentava a banda de jazz do Aimorés.

Observavam-se, igualmente, níveis hierárquicos, formas de estratificação social e mecanismos de segregação entre os internos, seja em virtude de suas origens e condições financeiras, seja em razão do estágio da doença. Os pacientes eram classificados como sãos, intermediários ou em estado avançado de hanseníase, sendo que estes últimos enfrentavam restrições significativamente maiores. Todavia, independentemente dessas categorizações, havia um elemento que a todos nivelava: o estigma da doença.

Desde o século XIV, ao menos, a infecção foi associada à punição divina e à manifestação incontestável do mal. Os doentes eram apontados como responsáveis pelas adversidades que acometiam as sociedades: temidos, evitados e hostilizados. Aqueles que não foram perseguidos e mortos viram-se obrigados a se clausurar em suas casas ou em leprosários. Mesmo atualmente, ainda permanece um grande

preconceito em relação às pessoas acometidas pela hanseníase, seja devido à permanência de convicções religiosas, seja pelo desconhecimento acerca da doença e de sua forma de transmissão.

A abjeção social dirigida à doença era tão intensa que, mesmo com os programas de ressocialização e reintegração iniciados em 1969, muitos pacientes não queriam deixar o sanatório, temerosos do que enfrentariam fora da égide institucional – sobretudo aqueles que possuíam sequelas aparentes, mas também devido às memórias construídas no local, que por anos fora seu lar. Assim, antigos pacientes, já curados, construíram suas residências próximas aos muros do antigo Aimorés, formando o assentamento que mais tarde se tornaria a Vila de Santa Terezinha.

Os impactos sociais causados pela doença não podem ser ignorados. Como frisado por Le Goff, “devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão” (2013, p. 437). Resgatar a história e a memória do local é uma forma de compreendermos os caminhos que levaram a cidade a se tornar o que é, bem como de identificarmos as lutas tanto daqueles que buscavam combater a mácula quanto daqueles que enfrentaram, e ainda enfrentam, preconceitos.

Nesse sentido, voltamos ao segundo aspecto apresentado na alegação de Le Goff: a busca pela memória “na febre e na angústia”. Entre aqueles que cotidianamente vivenciam o preconceito e a exclusão, segregações pretéritas produzem uma profusa identificação e associação com suas realidades e experiências. Por isso, torna-se extremamente necessária a reavivação dessas memórias. Para Le Goff:

A memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação de memória (Le Goff, 2013, p. 435).

Nesse horizonte, propomos a elaboração e a execução de uma sequência didática destinada a transpor para o ambiente escolar as problemáticas analisadas ao longo desta pesquisa. Essa iniciativa, além de cumprir as exigências do programa de mestrado, que prevê a realização de um projeto educacional, teve como objetivo central sensibilizar os estudantes para as barbáries do passado, capacitando-os a reconhecer e, sobretudo, prevenir formas de violência e opressão contemporâneas, bem como a assimilar a identidade e a memória enquanto instrumentos e objetos de

poder que devem ser mobilizados em favor da emancipação. Busca-se, assim, que a educação e a escola realizem plenamente seu potencial transformador, promovendo uma prática verdadeiramente democrática e crítica.

As atividades pedagógicas foram idealizadas tendo em vista o público dos estudantes do 9º ano de uma escola estadual de Bauru. A escolha do ano-série ocorreu a partir da análise do conteúdo programático de História referente a essa etapa de ensino, o qual aborda a História do Brasil contemporâneo, enfatizando os projetos higienistas, as medidas sanitárias e o controle de moléstias durante a primeira metade do século XX, temas privilegiados nesta pesquisa.

O alinhamento curricular evidencia-se através das habilidades da BNCC: “(EF09HI01) Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil”; “(EF09HI02) Caracterizar e compreender os ciclos da história republicana, identificando particularidades da história local e regional até 1954”; “(EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive”; “(EF09HI07) Identificar e explicar, em meio a lógicas de inclusão e exclusão, as reivindicações dos povos indígenas, das populações afrodescendentes e das mulheres no contexto republicano até a Ditadura Militar”.

Ressaltamos que todas as etapas foram devidamente acompanhadas e aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa, conforme registrado no Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 86402625.1.0000.5398

A sequência didática

Iniciamos as atividades a partir de um cinefórum – o documentário *A Casa é Escura*, dirigido pela poetisa e cineasta iraniana Forugh Farrokhzad (1934–1967). O curta-metragem, com duração de vinte e um minutos, foi lançado em 1962 e, por meio de uma narrativa poética estruturada em excertos do Antigo Testamento, retrata o cotidiano dos moradores de uma antiga colônia de leprosos situada no norte do Irã.

O documentário de Farrokhzad se mostra primoroso por adotar uma abordagem estética e ética que se recusa a censurar as marcas visíveis da

hanseníase, bem como a extrema pobreza vivenciada pelos internos. Ao mesmo tempo, enfatiza os laços de sociabilidade e a comunhão entre os moradores, em especial entre as crianças que se encontram na escola da colônia, e suas formas de perceber e significar o mundo dentro dos limites do leprosário.

Dando continuidade à sequência didática, abordamos a temática da lepra no contexto brasileiro, com ênfase na criação dos Asilos-Colônias. Para isso, orientamos os alunos a acessarem a seção “Histórico” do site do Instituto Lauro de Souza Lima, que reúne informações sobre o processo de fundação da instituição, os agentes envolvidos, o espaço onde o Aimorés foi edificado, além de documentos e fotografias que conferem legitimidade e profundidade aos dados apresentados, tais como os utilizados nesta pesquisa.

Concluindo essa etapa da sequência, realizamos novamente um cine fórum, desta vez com o documentário *Tradições do Interior – Instituto Lauro de Souza Lima*¹, disponibilizado no *YouTube* pelo canal da *TV Unesp*. O documentário constitui um importante recurso pedagógico, pois apresenta informações detalhadas sobre a conjuntura da fundação do asilo-colônia e depoimentos de funcionários e de antigos moradores do Aimorés, favorecendo a compreensão dos aspectos sociais e históricos relacionados à temática. Durante as discussões, realizamos comparações entre as experiências vivenciadas no Aimorés e as observadas no Irã, conforme apresentado em *A Casa é Escura*.

A apresentação do complexo histórico e das instalações do atual instituto motivou os discentes a conhecer o local exibido no vídeo, o que foi contemplado na etapa seguinte da sequência didática.

Aula de campo no Instituto Lauro de Souza Lima

Após a realização das atividades pedagógicas na unidade escolar, foi conduzida uma aula de campo no Instituto Lauro de Souza Lima, onde os discentes foram acompanhados por profissionais da instituição, que atuaram como mediadores da visita ao museu e ao complexo histórico. O percurso contemplou o centro da antiga

¹ TV UNESP. Tradições do Interior | Instituto Lauro de Souza Lima. [vídeo]. YouTube, 10 de dez. de 2013. 27min19s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Wwze6HiBUME>>. Acesso em: 15 nov. 2025.

colônia e suas áreas de convivência, enriquecido por exposições e narrativas que contextualizaram acontecimentos relevantes, bem como aspectos sociais e institucionais relacionados ao tratamento da hanseníase no Brasil.

No decorrer da visita, os estudantes participaram de uma atividade de sensibilização voltada à compreensão das limitações físicas enfrentadas por indivíduos acometidos por hanseníase em estágios avançados. Utilizando dispositivos que restringiam os movimentos corporais, como demonstrado na Imagem 35, os participantes foram desafiados a realizar tarefas simples do cotidiano, o que possibilitou uma vivência empática das dificuldades motoras enfrentadas pelos antigos moradores da instituição.

Imagem 35 – Atividade ministrada por uma das funcionárias do Instituto Lauro de Souza Lima. A ação objetivou simular as limitações físicas enfrentadas por indivíduos acometidos por hanseníase em estágios avançados.



Fonte: Produzido pela autora.

Ao final da atividade, foi promovido um momento de diálogo com os funcionários do Instituto, durante o qual os discentes puderam aprofundar seus conhecimentos por meio de questionamentos relacionados tanto aos aspectos clínicos da doença quanto à memória histórica e ao acervo material ali preservado. Após as discussões, os discentes puderam explorar livremente as instalações do complexo institucional, conforme constatado nas Imagens 36 a 38.

Como parte da proposta pedagógica, os discentes foram incentivados a registrar fotograficamente os elementos que considerassem mais significativos ou emocionalmente impactantes, com o objetivo de utilizar o material coletado na organização de uma exposição, destinada a compartilhar as experiências vivenciadas no contexto da aula de campo com os demais membros da comunidade escolar, bem como com visitantes.

Imagem 36 – Discente explorando as habitações do Instituto Lauro de Souza Lima (antigas moradias dos internos)



Fonte: Produzido pela autora.

Imagem 37 – Discente explorando o mobiliário presente no acervo do Museu do Instituto Lauro de Souza Lima. Na lousa “Escola Sanatório Aimorés. Bauru, abril de 1937.



Fonte: Produzido pela autora.

Imagem 38 – Discentes explorando o mobiliário presente no acervo do Museu do Instituto Lauro de Souza Lima.



Fonte: Produzido pela autora.

Após o retorno à unidade escolar, solicitou-se aos discentes que participaram da aula de campo o preenchimento de um relatório descritivo, com o propósito de sistematizar as aprendizagens decorrentes da visita e registrar suas percepções acerca da dinâmica proposta, bem como os sentimentos suscitados pela experiência. Os relatos foram inicialmente produzidos de forma manuscrita e, posteriormente, transcritos para o meio digital, sendo organizados na tabela apresentada a seguir. As informações consideradas mais relevantes foram destacadas por meio de grifos. Optou-se por ocultar os nomes dos participantes nos arquivos originais, a fim de preservar sua identidade.

Tabela 2 – Relatórios de visita

1. Informações sobre a história do ILSL adquiridas durante a visita de campo.	2. Aspectos da cultura material do ILSL que lhes chamaram a atenção.	3. Depoimentos ou relatos que lhe sensibilizaram.
Aprendi muita coisa sobre a hanseníase e sobre a história do instituto em si.	Os medicamentos, as estruturas e os equipamentos.	As dificuldades de quem tinha a doença.
Eu aprendi sobre a importância na antiga sociedade.	Sobre os antigos sapatos, que eram grandes, para ajudar as pessoas com algumas dificuldades em sua acessibilidade.	A sua separação da sociedade e de seus familiares e a sociedade nas cidades os discriminava.
A história do instituto reflete não apenas a evolução no tratamento da hanseníase, mas também um compromisso com a melhoria das condições de saúde dos pacientes.	A estátua de Jesus Cristo em homenagem a ele foi o que mais chamou atenção. Gostei bastante da mesa de sinuca, gosto muito de jogar, mas não podemos por ser uma antiguidade muito valiosa. Gostei muito das estruturas do banheiro com várias coisas antigas, amei a barbearia com muitas coisas.	Eu me senti muito livre e confortável. Amei o acolhimento de todas as funcionárias do local, gostei bastante do depoimento dos integrantes. Eu senti tristeza pelo que as pessoas passaram longe de seus familiares e amigos de infância, gostei dos testes realizados nos momentos de depoimentos.
Aprendemos que o ILSL para algumas pessoas era o seu verdadeiro lar, algumas pessoas se casaram por lá, outras construíram casas perto do hospital (mas nem tanto). A recepção dos funcionários foi super agradável, explicaram que quando uma pessoa era diagnosticada com hanseníase, era separada de sua família e era internada no ILSL, havia	O que mais chamou a minha atenção foi quando fomos visitar a antiga igreja, ela estava em reforma, mas mesmo em reforma, permanecia com a sua beleza, sua acústica era maravilhosa (cheguei a imaginar um coral cantando Aleluia) depois quando já estávamos indo embora, acabamos vendo a antiga prisão, estava um pouco descuidada, talvez ela	Me sensibilizei ao saber que: algumas pessoas, por falta de ajuda financeira de seus familiares para frequentarem eventos que havia por lá, e que algumas foram para o Instituto Lauro de Souza Lima muito jovens, algumas com até 12 anos de idade (talvez até mais jovens), e pelo preconceito das pessoas que não foram infectadas

também pessoas que escondiam da sociedade que algum parente havia se contaminado, na maior parte aquelas que tinham mais condições financeiras.	passará por uma reforma. Essas foram as coisas que mais me chamaram a atenção.	(elas não queriam estar perto das pessoas que foram contaminadas pela hanseníase).
Aprendi que o ILSL é uma instituição brasileira de referência no tratamento de hanseníase.	Mesa de sinuca, estátua de Jesus, pé de manga, barbearia, farmácia e a igreja, a prisão, o campo de futebol etc.	Foi muito legal, fomos bem recebidos por todos, rimos muito e aprendemos muito também. Foi muito bacana e eu fiquei muito triste com as histórias de antigamente.
Eu aprendi que o Instituto Lauro de Souza Lima é um hospital onde vivem as pessoas que tem hanseníase, antes era lepra. As pessoas ficavam isoladas sozinhas numa cama internada, porque essa doença é contagiosa. No instituto tem uma colônia, a hanseníase tem vários tipos de sintoma que alguns deles é a perda da sensibilidade entre outros casos.	Os objetos que mais me chamaram a atenção são os instrumentos que tinha lá, a sala de aula , as cadeiras e as mesas juntas, a mesa de sinuca, a máquina de escrever e a calculadora, a farmácia, os medicamentos antigos, a barbearia, e entre outros objetos que eu gostei, mas eu gostei mais desses objetos que citei.	Eu me senti um pouco triste, porque as pessoas que viviam lá morreram sem se despedir de seus familiares e amigos, e feliz por ter conhecido a história do instituto e por ter visitado mais um museu dentro da cidade de Bauru, e os acolhimentos que eles ofereceram para as pessoas doentes.
Aprendi que o instituto mudou de nome várias vezes. O ILSL não é só sobre a hanseníase, eles tratam outras doenças, as pessoas que moravam lá podiam ficar com sequelas, esse lugar é tipo uma cidade.	Privadas, as casas, mesa de sinuca, o bar, a barbearia, farmácia, seringas, bomba de encher bola de futebol/basquete.	Saber que as pessoas antigamente eram submetidas a isolamento total da sociedade e também saber o tamanho do preconceito que as pessoas tinham com quem tinha hanseníase.
Aprendi que o instituto antigamente era utilizado como abrigo para as pessoas que tinham hanseníase. O instituto foi feito com adaptações para as famílias que continham hanseníase.	Igreja, paralelepípedos no chão, piano, farmácia, coreto, barbearia, casas, praças, estátuas, prédios, porcelanas, maquiagem e remédios.	Acolhimento impecável, história, relatos durante as visitas, moradores gentis, me senti em um filme antigo em uma cena de filmes.

Falamos sobre a origem do Instituto Lauro de Souza Lima que era uma cidade. Quando algumas pessoas pegavam hanseníase eram obrigatoriamente mandadas para esse lugar e não podiam ter contato com suas famílias e eram enterradas naquele lugar para não passar para outras pessoas.	O que me chamou muita atenção é que o que as pessoas estavam dispostas a ajudar os outros e que hoje eles preservam tudo de antigamente.	Eu acho linda aquele lugar e parecia que aquelas pessoas não estavam incomodadas de ficar presa naquele lugar.
O Instituto Lauro de Souza Lima é uma instituição educacional.	A estátua de Jesus, a mesa de sinuca e os remédios antigos.	Eu me senti muito bem, eu fiquei feliz e curioso, foi muito legal, foi muito bom e conheci melhor a instituição.

Os relatos evidenciam não apenas a assimilação de informações, mas também o desenvolvimento de aspectos atitudinais e afetivos por parte dos estudantes, especialmente no que se refere à empatia e à compreensão das experiências dos antigos moradores da colônia. Destaca-se, nesse sentido, a sensibilidade dos alunos diante das situações de preconceito e das dificuldades enfrentadas por esses sujeitos, com especial ênfase nos impactos decorrentes da separação de seus familiares.

Ademais, foram recorrentes nos relatos manifestações de encantamento e curiosidade diante das estruturas e objetos observados durante a visita, muitos dos quais desconhecidos pelos estudantes até então. Essa experiência sensorial e simbólica está refletida em falas como: *“me senti em um filme antigo, em uma cena de filmes”*; *“o que mais chamou a minha atenção foi quando fomos visitar a antiga igreja. Ela estava em reforma, mas mesmo assim permanecia bela. Sua acústica era maravilhosa (cheguei a imaginar um coral cantando 'Aleluia')”*; e *“gostei bastante da mesa de sinuca, gosto muito de jogar, mas não podemos, pois é uma antiguidade muito valiosa”*. Tais depoimentos evidenciam não apenas a imersão no ambiente histórico, como também a construção de significados a partir das vivências proporcionadas pela atividade de campo.

Outro aspecto valorizado pelos discentes foi a sensação de liberdade e autonomia vivenciada durante a visita, um fator frequentemente associado aos

espaços não formais de aprendizagem. Esse sentimento é sintetizado na declaração: *“eu me senti muito livre e confortável”*, a qual reforça a importância de ambientes alternativos à sala de aula na promoção de experiências educativas integradoras.

Ponderamos, por fim, que as percepções expressas pelos estudantes estão intrinsecamente relacionadas ao contexto sociocultural em que estão inseridos. A escola onde foi desenvolvida esta pesquisa localiza-se em uma região periférica marcada por altos índices de vulnerabilidade e exclusão social. Apesar das diferenças temporais e espaciais, os estudantes relataram identificação com as narrativas de sofrimento e marginalização apresentadas durante a visita, uma vez que muitos deles vivenciam situações análogas em seu cotidiano. Além disso, a dificuldade de acesso a espaços culturais e históricos fora do bairro onde residem contribui para a escassez de experiências formativas. Dessa forma, concebemos essa ação com o intuito de promover a consciência histórica, a empatia e o sentimento de pertencimento entre os discentes e a comunidade na qual estão inseridos.

As fotografias produzidas durante a aula de campo, a exemplo das Imagens 39 a 42, foram utilizadas para compor uma exposição. De maneira espontânea, alguns alunos também realizaram pinturas em aquarela, enriquecendo a apresentação visual, como evidenciado na Imagem 43. A mostra foi aberta ao público, permitindo que os discentes, com a mediação da docente, apresentassem as atividades desenvolvidas a seus familiares e demais membros da comunidade, além de responder às perguntas formuladas pelos visitantes. As imagens a seguir correspondem, além das aquarelas, às fotografias registradas pelos estudantes durante a visita, bem como à exposição realizada na unidade escolar, documentada nas Imagens 44 e 45.

Imagem 39 – Igreja “Nossa Senhora das Dores”, construída pelos próprios moradores em 1951.



Fonte: Fotografia de autoria de um dos discentes participantes da sequência didática.

Imagem 40 – Acervo do Museu do Instituto Lauro de Souza Lima



Fonte: Fotografia de autoria de um dos discentes participantes da sequência didática.

Imagem 41 – Vidraria e outros materiais de laboratório presentes no Museu do Instituto Lauro de Souza Lima



Fonte: Fotografia de autoria de um dos discentes participantes da sequência didática.

Imagem 42 – Lustre encontrado no Museu do Instituto Lauro de Souza Lima, anteriormente Cassino Aimorés.



Fonte: Fotografia de autoria de um dos discentes participantes da sequência didática.

Imagem 43 – Ilustração do portal do Cemitério Aimorés. O local ainda recebe sepultamentos e abriga aproximadamente 2.552 lápides. No arco, lê-se a inscrição em latim *Hic finis doloris vitae*, ou “aqui terminam as dores da vida”.



Fonte: Pintura em aquarela de autoria de um dos discentes participantes da sequência didática.

Imagem 44 – Exposição das fotografias e das pinturas realizadas pelos discentes.



Fonte: Produzido pela autora.

Imagem 45 – Discente apresentando as atividades realizadas a uma visitante.



Fonte: Produzido pela autora.

As atividades desenvolvidas ao longo da sequência didática demonstraram que experiências educativas fundamentadas no contato direto com a memória, as identidades – individuais e coletivas – e as materialidades possuem um potencial significativamente transformador, algo que é alcançado com maior dificuldade em práticas pedagógicas restritas ao espaço da sala de aula.

As atividades realizadas permitiram que os discentes compreendessem a hanseníase para além de sua dimensão clínica, reconhecendo-a como um fenômeno histórico marcado por estigmas, violências institucionais e políticas de segregação. Ao mesmo tempo, possibilitaram que percebessem a potência da memória como instrumento de reconstrução identitária e de enfrentamento ao preconceito, tanto no passado quanto no presente.

Quanto à visita ao Instituto Lauro de Souza Lima, constituiu-se como um dos momentos mais significativos durante a realização da sequência didática. A sensibilidade e a empatia manifestadas nos relatórios de visita, assim como a identificação com as narrativas de exclusão, evidenciam que a atividade contribuiu para o desenvolvimento de sujeitos mais atentos às múltiplas formas de violência que atravessam a vida de diferentes grupos.

Por fim, ao transformar a experiência em uma exposição aberta à comunidade, os discentes assumiram o papel de mediadores do conhecimento, reafirmando o caráter social da educação e seu compromisso com a democratização da memória.